

Eduardo Silva



Na entrevista com o Ator e Professor Eduardo Silva, para o programa Memória Oral, gravada em 2010, ele narra alguns aspectos sobre a sua época de estudante na Escola Caetano de Campos e a importância que a professora Clarinda, de Biologia, teve na sua formação. Relembra o

preconceito que sofreu ao entrar na Escola Caetano de Campos, em 1971, e apresenta o que pensa a respeito das cotas para negros nas universidades. Dois clipes da entrevista estão em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=9016>

Eduardo Silva, no artigo “Ela punha o coração na mesa quando dava aula”, identifica-se assim: “sou ator, mas também biólogo e educador” (NOVA ESCOLA, edição 125, set.1999).

O texto abaixo destaca as questões raciais abordadas durante a entrevista. As fotos abaixo são do Acervo Particular de Eduardo Silva.



*Meu nome é Eduardo Silva, estudei na Caetano de Campos de 1971 a 1977 na Praça da República e de 1978 a 1982 na Aclimação. E as lembranças que eu tenho da Caetano de Campos, são milhões de lembranças porque, na verdade, as iniciações são muito importantes para todo mundo, as iniciações estudantis, profissionais,性uais e de amizades.*

*No Caetano tinha uma coisa muito de família, isso era uma coisa muito legal, lembro muito da dona Elza que foi minha professora do segundo ano do primário, 1972, a dona Zélia que era uma mãezona do terceiro ano, a dona Kiyome do quarto ano. E tinha uma coisa de ser Escola Modelo, então*

*a gente tinha uma alegria de estar estudando lá, tinha uma felicidade de estar em um colégio disputado, que era muito concorrido. Se hoje os alunos para arrumarem vagas em escolas públicas já é difícil, e hoje as escolas públicas infelizmente não tem tanta qualidade quanto tinha na década de 1970.*

*Um caso muito engraçado e triste ao mesmo tempo, é que eu fui adotado por uma família de descendentes de italianos. A minha mãe era uma doméstica, como a maior parte das mães negras na década de 70 eram. E ela foi trabalhar na casa de uma senhora, e essa senhora me batizou e não conseguia vaga no Caetano de Campos para mim, não conseguia de jeito nenhum, ela tentou contatos com secretários, assessores, vereadores e não conseguia. Ela foi até a diretora, a dona Carmela, e falou que morava do lado da República, que era funcionária pública e que não tinha dinheiro para mandar o filho dela para uma escola particular. A diretora disse que "pessoas dessa raça geralmente dão problemas para gente, não queremos ter pessoas dessa raça assim na nossa escola". A madrinha quase arrebenta a secretaria inteira.*

*Entrei na escola, virei ator, e 12 anos depois na formatura fui orador da turma e minha madrinha foi lá falar com a coitada da diretora velhinha, "a senhora lembra do que falou para mim em 1971", "que pessoas dessa raça davam problemas, ele agora é orgulho da escola né". Aí eu falei "deixe pra lá". Ela disse "não, eu não esqueço isso".*

*Há uns tempos as escolas possuíam melhor qualidade, e sem querer ser tendencioso, hoje em dia nas escolas a população negra é maior. Na Caetano de Campos na época tinham pouquíssimos negros, geralmente eu era sempre o único negro na sala. Teve um ano que havia eu e mais uma menina e outro menino na sala. Numa outra sala havia um. Tinha um em uma sala e outro em outra sala, e havia salas que não tinham nenhum. Acho que por causa da escola ser elitista e conceituada, e hoje os negros estão com um grau de reconhecimento e entendimento quanto raça que na época não tinham e há qualificações que na época não tinham. Hoje existem muitos negros se formando em faculdades, no começo dos anos 80 eu era o único negro na USP. Os negros não tinham muito acesso, o que é uma pena que a escola estadual não tinha um programa de acesso a população pobre. E infelizmente a maioria dos negros são pobres. Hoje os negros estão conseguindo acesso as escolas, mas infelizmente ao ensino público não está bom.*

*Eu tinha mais medo de não passar de ano. Quando eu repeti a sétima série o meu consolo foi que metade da turma foi reprovada. Não foi uma coisa tipo "preto burro", "tem poucos pretos, a gente dá chance para eles e o*

*cara não passa"! Parecia que estava lá de favor, mas acho que era uma coisa minha, e a minha madrinha ficava me falando "estuda, estuda", eu falo para os meus sobrinhos irem estudar. Negros com estudo não conseguem ser respeitados. Mesmo estando de carrão a polícia para perguntando de quem é o carro.*

*Eu tinha medo de não corresponder às expectativas da minha mãe e minha madrinha. Os professores sempre foram carinhosos comigo, e mesmo a diretora sempre me respeitou e foi carinhosa comigo. Nunca fui para a sala de direção, nunca fui suspenso ou advertido.*

*Eu era totalmente contra as cotas, quando começou essa discussão. Tinha uma opinião situacionista como a maior parte dos brancos e parte dos negros, que isso era um paternalismo e que os negros não precisavam das cotas, pois tinham capacidade para ingressar na universidade. Eu entrei na USP em 1983 pelo meu mérito, todos os negros da minha idade tinham conseguido espaço nas boas universidades. Era totalmente contrário as cotas. E justificando, como professor, que todos os povos sofreram algum tipo de escravidão, os persas escravizaram, os bárbaros escravizaram, os astecas escravizaram, os romanos, os gregos escravizaram, a escravidão sempre teve e não era só em relação a África e de branco em relação aos negros, pois negros da África cassavam negros mais tribais para vender para os brancos.*

*Amigos meus negros tentavam me convencer. Depois de cinco anos casado com uma historiadora negra, eu percebi que estava equivocado. Porque nenhum histórico de escravidão durou 400 anos, os impérios entravam na terra do dominado e não tirava o dominado da terra dele. Nós negros fomos tirados da África, quem chegava aqui eram os mais fortes, pois muitos morriam nas viagens. E eles separavam as populações negras nas fazendas para não se comunicarem. Cada país africano tinha uma diversidade de povos. Foi proibido o tráfico negreiro no século XIX e ele continuou ilegalmente.*

*A abolição foi na verdade um "desemprego em massa", e legalizou algo que já não existia, pois, vários estados não tinham escravos. Ela não deu uma condição de igualdade em relação aos brancos. Não foi falado que os negros tinham direito de ir as escolas. Se eu tive dificuldade de entrar em uma escola, imagina na época da lei áurea. Ou os negros voltavam para as fazendas ou eles ficavam mendigando.*

*Há um desnível muito grande entre os brancos e os negros do país. Por falta de estrutura legal que a lei áurea não proporcionou. As leis anteriores foram muito paliativas. A do ventre livre e a do sexagenário foram um*

*absurdo. Quando os imigrantes vieram substituir a mão de obra escrava, eles vieram recebendo salário. Não houve um respaldo financeiro para os negros que trabalharam durante 400 anos.*

*Por isso, em relação à cota, eu fui de um extremo ao outro, eu acho que deveria ter cotas em relação a tudo, não só nas faculdades. Se nós somos metade da população, no que é mentira, somos mais, porque o negro no senso é diluído. Filho de branco com japonês, no senso ele é oriental. Filho de branco com índio no senso é indígena. Filho de brancos com negros é "pardos", "mulatos", vão diluindo os negros para mostrar que não somos a maior parte da população. Negros no censo seriam 50%, mas nós na verdade somos 70% da população. Portanto teria que ter 70% de pessoas negras trabalhando em todos os lugares, como bares e escritórios.*

*O funcionalismo público é chamado de "navio negreiro" porque você presta o concurso e entra. Nos outros lugares você passa no concurso e não passa na entrevista porque você é negro. Então passei a pensar que tem que ter cotas para tudo. Se você dá cota para o ensino fundamental e médio em todas as escolas, não necessita dar cotas na faculdade porque o negro fica em condição de estudo igual ao dos brancos.*

*Os meus filhos vão ter 400 anos de diferença educacional em relação aos brancos. Tinha uma época em que estavam querendo reparação financeira para os filhos de afrodescendentes e eu fui contra. Minha ex-mulher falava que eu era um "negro vendido", um "negro branco" porque eu era adotado por uma família italiana. Eu namorei com uma argentina, que foi minha aluna do cursinho, a mãe dela foi morta na repressão. O governo pagou para todos os familiares uma grana em que ela conseguiu comprar um apartamento para ela e outro para a irmã, porque a mãe tinha sido morta na repressão da Argentina.*

*Então, a gente no Brasil não temos reparação financeira, educacional e social. Quando dou umas palestras digo que metade dos elencos na televisão deveriam ser compostos por negros. Quando tem um elenco com quatro negros, parece que o diretor fez uma boa ação. Num elenco de 40 deveria ter pelo menos 20 negros. Eu dei essa palestra ano passado lá no Trianon, notei e falei que a plateia era metade branca e metade negra, por isso acho que tem que ter metade branco e metade negro em cada estabelecimento. Mas aí tem que ter leis porque senão o pessoal não respeita.*

*Assim como o cinto de segurança, pagamento de pensão, onde quem não paga é preso. Tem que ter lei senão as pessoas não respeitam. Quando estava apresentando o dia da Consciência Negra na Praça da Sé, eu falei,*

*"olha isso, aqui na Praça da Sé milhares de pessoas, metade branca e metade negra." Os negros não conseguem ter acesso aos lugares e isso não é paternalismo.*

*As cotas têm que vir desde a base, tem que ter metade das vagas para o ensino fundamental, médio, no comércio e em todos os lugares. Um dia, acho que estarei vivo para ver, metade de elencos em peças, filmes, novelas. Nessa peça que estou fazendo, têm 23 atores, e quatro deles são negros. Gente até brinca "são as cotas". Mas é uma coisa complicada porque as pessoas acham que a gente quer coisas que a gente não precisa. Nós temos capacidade para entrar na faculdade. Mas hoje a distância histórica entre os filhos dos brancos e os filhos dos negros é genético. Por mim as cotas deveriam ser 50% e não só 10%.*

*Tem muita gente que tem consciência e não se posiciona. Teve uma vez que estávamos discutindo a negritude com umas meninas do elenco. Aí uma moça do elenco, a Tati, disse que era filha de brancos com negros, metade branca e metade negra e perguntou o porquê ela deveria dizer que era negra, poderia também falar que é branca. Aí eu respondi, quem é metade branco e metade japonês é japonês, porque geneticamente branco é a raça mais recessiva, o mais selvagem é dominante. A flor escura cruza com uma flor clara, a escura predomina porque é dominante. O dominante é o mais forte geneticamente falando. Socialmente e financeiramente não.*

*Mas você sempre tem que se colar de uma forma educada, política, para não ficar taxado como radical.*

*Em relação a isso, a minha ex-mulher quando trabalhava no museu Afro ela disse que uma pessoa ligou lá para o museu dizendo que achava um absurdo um museu sobre cultura africana. Essas coisas incomodam. Em 1998 eu apresentava um programa só de negros, eu era o âncora, chamava Axé Brasil. Aí as pessoas achavam um absurdo um programa só de negros. Eu respondia que havia programas só de gordos, italianos, loiros, a Xuxa sempre pegava paquitas loiras, japoneses, filme só de judeus e ninguém fala nada. Quando os negros se juntam é racismo.*

*Pode parecer preconceito da minha parte. Subliminarmente as pessoas têm medo da força dos negros, os índios foram exterminados, desapareceram, era uma raça maravilhosa, os portugueses e jesuítas trucidaram os índios, era para ser a mesma coisa com os negros. Há 120 anos atrás éramos escravos, isso historicamente é ontem. E os negros têm destaque em tudo, nos esportes, na dança, no blues, no jazz, não somente no samba e no forró e macumba.*

*A comida, a vestimenta, os negros estão dominando, por isso subliminarmente querem impedir de que eles se organizem. "Do jeito que a gente deu chibatada neles, colocavam eles para dormir". A minha avó adotiva tinha um pai que foi feitor de escravos. Ele disse que pegava a mulher negra quando ficava grávida, porque elas não podiam transar e ter filhos pegava o bico do peito da mulher e amassava com o pilão. Quando a escrava ia ter o filho amarravam a perna dela para matar a criança e a mulher na frente de todos os outros escravos, para ensinar que não deveriam se procriar.*

*Se há 120 anos acontecia isso e hoje somos expoentes em todas as áreas como tradutor, ator, esportista, nadador, vôlei, todos os estilos musicais europeus e americanos. Que poder esse povo tem! Por isso acho que não querem que os negros se organizem, porque se isso acontecer não vai ter mais para ninguém. Mas isso é um discurso que eu tenho só com uma meia dúzia de pessoas, porque senão vão me achar louco. Mas eu acho que era para ter acontecido o que aconteceu com os índios, mas isso não aconteceu.*

*Eu acho assim. Minha madrinha era racista. Eu fui buscar minha negritude aos poucos. No futebol não teve jeito. Eu procurei em diversas religiões, como Seicho-no-ie, Umbanda, Candomblé. Não entendo ainda, mas respeito. Fui lutar capoeira. Fui buscar samba, forró. Fui baixando minha negritude aos poucos.*

*Cada um vê as coisas da forma que quer ver. A vida pra mim foi Deus que me fez enxergar as coisas. Tive contato com diversas pessoas. Namorei mulheres brancas super conscientes. Professores, amigos meus, que me falaram coisas que me faziam refletir. Cada lugar que eu fui procurando entender, do meu jeito, e achei uns pares que me apoiavam e outros que não. Não sei onde foi que me formei como negro.*

*Sofri muito preconceito em relação a trabalho, preconceito em namorar meninas brancas, a ter carros bons, entrar pela entrada de serviço, falavam que eu namorava com a empregada da outra, falavam que eu ia assinar contrato para trabalhar na casa de uma senhora para namorar a empregada dela, foi muita coisa.*

*Quando fui ao aniversário da Tatiana, que me indicou para muitas peças, que ia fazer 80 anos, eu era o orador da festa que lotou. No ano passado ela fez 90 anos, falei no bar que frequentava que ia chegar atrasado porque a mulher ia fazer noventa anos e metade das coisas que eu tenho foi graças a ela. Estava entrando lá na Berrini, na festa fechada, e o porteiro questionou "aonde você pensa que vai?". Eu respondi "aonde eu penso?", aí*

*veio a mulher da festa dizendo que eu estava na lista e me levou para dentro, aí eu fiquei pensando nisso.*

*Uma vez estava num carro, um escort argentino, com uma namorada branca e uma amiga negra nutricionista. A polícia parou o carro dizendo que tínhamos passado o sinal vermelho. Viram que não havia nada. Mas como tinham visto que havia uma mulher branca com dois negros, acharam que era sequestro.*

*Uma vez um vendedor de panos de pratos, bem pobre, me ofereceu panos de prato e eu disse que não queria. Reparou no carro e perguntou se o carro não era da firma. Respondi ironicamente que sim.*

*É o dia inteiro assim. Ou você começa a achar que ninguém presta. Tomar posições radicais. Aliás, a minha peça fala muito de preconceito entre negros e italianos. Várias situações familiares entre negros e italianos e os quebra paus que tinham. O Bixiga foi formado assim, com muito samba, muita cantina, e quando os negros do samba queriam namorar as italianas, não podiam.*

*Eu estou dirigindo um grupo da FEA por dois anos. Fui contratado para dirigir o teatro da FEA, nas férias pedia para ensaiar, eles até ficaram sem férias. A gente ensaiava lá na Dr. Arnaldo, na Faculdade de Medicina. Aí no intervalo passa um cara que queria dar uma de gostoso para as meninas do elenco. Ele perguntava sobre as salas. E na quinta perguntava eu falei que nós não éramos de lá e que ele fosse perguntar na recepção. Aí ele falou, que era óbvio que eu não estudava ali, mas elas poderiam estudar.*

*Aí pensei, "uê porque preto não estuda aqui?". Aí minhas atrizes perguntaram pra mim porque eu não respondi, mas ele estava longe. Tem branco que fala que a gente vê racismo onde não existe.*

*O problema não é o racismo do branco em relação ao negro, mas sim o negro se achar inferior. Eu fui o único ator de São Paulo que fez "O quilombo". Nas associações como a assessoria Afro são sempre os negros cultos e intelectuais, médicos, atores, advogados etc. Esses sabem que é ser legal ser negro. Mas a faxineira, o office-boy que a polícia pára e ele não sabe o que responder e fica com vergonha de ser negro. Esses não têm acesso. Eu falo para irmos até as periferias, fazer uma feijoada, ou um churrasco, com um batuque, uma peça de teatro de graça e palestras. Porque os negros têm que saber que ser negro é legal. Nós vivemos em um país onde a polícia te para toda hora, tem preconceito em relação a namoro com meninas brancas, e arrumar empregos. Isso faz com que pensem que ser negro é ruim.*

*O ator Benjamin Cattan, que já morreu, fez um jantar na casa dele. E a Zezé Motta estava no jantar. A empregada servia todo mundo, menos a Zezé Motta. Chegou uma hora em que a situação ficou tão chata que o dono da casa foi perguntar para a empregada por que ela não estava servindo a Zezé Motta. Aí ela respondeu que “não servia pretas, e que ela deveria estar com ela na cozinha trabalhando com ela”.*

*O problema é achar que ser negro é ser serviçal. É difícil colocar na cabeça dos negros que ser negro é legal, mostrar os destaques negros em diversas áreas.*